

Professores e outros Atores no Processo Educativo Escolar

Ana Maria Vieira | ESECS. IPEiria e CICS.NOVA. IPEiria.pt | ana.vieira@ipleiria.pt

Ricardo Vieira | ESECS. IPEiria e CICS.NOVA. IPEiria.pt | rvieira@ipleiria.pt

2 de fevereiro de 2017

Pesquisar

A complexidade da sociedade contemporânea refletida numa escola tida como para todos

- a. Multiculturalidade dos públicos que acedem à escola / pedagogias monoculturais / pedagogias interculturais.
- b. Problemas sociais e socioeconómicos na escola

2 - A escola tem de mudar: formação intercultural para professores e funcionários

a. Construção de pedagogias interculturais que fomentem a escola inclusiva e rompam com a integração monocultural tantas vezes disfarçada com discursos muticulturalistas mas geradores de separatismos e de sujeitos oblatos ou que fogem da escola para a vida sem verem nesta qualquer interesse.

i. O professor como mediador de aprendizagens

2 - A escola tem de mudar: formação intercultural para professores e funcionários

- b. Outros educadores na escola: pedagogia social / mediação sociopedagógica como veículo da mediação intercultural. O trabalho de pátio, a transição lar/escola/lar. O trabalho com os alunos e as famílias em casa, na escola e na transição...
- c. O exemplo do GAAF (dentro de TEIP ou com o acompanhamento do IAC). O papel do mediador em equipas multidisciplinares

3 - O estudo de caso num GAAF da região de Leiria

- Metodologia:

O estudo de caso que realizámos num agrupamento escolar da região centro de Portugal, com uma metodologia essencialmente descritiva, compreensiva e fenomenológica, diz-nos que os professores não são suficientes para desenvolver todo o trabalho sociopedagógico que urge fazer nas escolas de hoje.

Embora os professores se assumam como polivalentes e muitos com capacidade não só para o trabalho na sala de aulas bem como para o trabalho sociopedagógico de pátio e de relação com as famílias e com as comunidades, o facto é que a maioria reivindica novos atores sociais para trabalhar em rede com os professores na mediação preventiva e resolutiva dos novos problemas sociais emergentes na escola do séc. XXI.

- **Posição do diretor do agrupamento**
- O diretor do agrupamento, além de dizer que esta escola é problemática, afirma também que a imagem estigmatizada do agrupamento vai denegrindo ainda mais as escolas. Parece ser forte a convicção deste diretor e do seu corpo docente, na capacidade de resolução dos problemas sociais emergentes. Aproveita mesmo para acrescentar que este tipo de postura não se encontra na maior parte das escolas para não manchar a imagem fora dos muros, o que leva a que os problemas não sejam resolvidos e, por isso, e por vezes, atinjam situações limite.

- **Problemas sociais, projeto educativo e novos atores sociais na escola**
- A indisciplina, a monoparentalidade, a gravidez na adolescência, as dificuldades económicas e, ainda, a falta de competências sociais e parentais das famílias são algumas das situações com que a escola se debate, segundo Aldina, professora do ensino especial da Escola sede. Acrescenta, ainda, a existência de um número significativo de alunos de etnia cigana o que constitui, também, segundo ela, uma situação difícil de gerir devido à *“falta de responsabilidade, de assiduidade e de cuidados de higiene”*. Diz mesmo que *“esta escola é uma escola problemática”*. Esta professora parece ter uma visão unilateral da questão que vê unicamente no aluno e na sua família o problema (Vieira, A. 2013; Correia e Matos, 2003; Canário, 2001).
- Durante a entrevista em grupo que fizemos à professora Paula e ao professor Filipe, estes mostraram-se muito desiludidos e desencantados com a profissão de professor, dizem mesmo não gostar do que fazem. Para eles, hoje em dia, é exigido demasiado aos professores, o que passa por funções que vão para além daquilo que, na sua opinião, é ser professor. *“[Perde-se mais tempo a resolver problemas] sociais, afetivos, económicos... [do] que a ensinar. [...] Sinto uma enorme frustração. Quando se diz que nós temos experiência... Mas a nossa experiência não serve para isso [para resolver aqueles problemas] e nunca vai servir para isso”* (professor Filipe). São muitas responsabilidades para as quais não se sentem preparados. A professora Paula afirma que se sente mais assistente social e psicóloga do que professora. Aponta o dedo aos pais que criticam, constantemente, os professores mas que, na sua opinião, se desresponsabilizaram do seu papel de educadores e que cada vez mais desvalorizam a escola: *“nós fazemos tudo a nível social. É como o professor Filipe disse [...] Aqui há uns anos, eram os pais que nos diziam que o aluno tinha problemas de qualquer tipo. Agora, é o professor que diz aos pais”*. Estes professores não parecem ter perfil para exercer funções para além das meramente pedagógicas, porque são aquelas para que se sentem preparados (Zanten, 1990; Perrenoud, 1995).
- Analisado o projeto educativo deste Agrupamento de escolas, pode dizer-se que o seu principal objetivo é o sucesso escolar e pessoal dos alunos e a eliminação do abandono escolar. Deste modo, foram criados os seguintes eixos prioritários de intervenção: *“valorização do cumprimento das regras de convivência, melhoria da qualidade dos serviços prestados, reforço da troca de experiência e nas dinâmicas de comunicação interna e externa”*. O agrupamento, através do projeto, reivindica o apoio de técnicos especializados: psicólogos e técnicos sociais, o que se tem vindo a verificar ao longo dos anos como veremos.

- **A reivindicação de novos profissionais na escola**
- Quanto à possibilidade de, futuramente, a Escola da Calçada, ou o ensino em geral, ter não só professores afetos ao trabalho de mediação mas, também, assistentes sociais ou outros, como decorre da lei (Decreto-Lei 190/91 de 17 Maio), o diretor não parece ser muito recetivo. Se, literalmente, a resposta do diretor não nega o papel dos assistentes sociais, já numa interpretação das hesitações que fizemos à entrevista realizada fica mais a ideia de crítica negativa do que de crítica positiva. A questão parece-nos passar pelo facto dos docentes desta escola, segundo o entrevistado, assumirem fazer também trabalho social na escola, desde há muito tempo. Por isso, na sua opinião, não sentirem necessidade de outros profissionais, pois são, assim, professores multifacetados:

- **A reivindicação de novos profissionais na escola**
- *“É preciso de facto, e os professores da escola da Calçada estão motivados para fazer esse papel. Estão motivados para ir à família, estão motivados para... chamar a CPCJ a intervir, para chamar a segurança social a intervir... Os professores estão treinados nessa lógica... [...] E os professores vão lá, vão ao terreno, chamam a mãe, chamam o pai, vão ter com o pai a determinado sítio, levam o filho a casa para ver a família, para conhecer e para falar. Os professores estão treinados, estão sensibilizados para este trabalho. Agora receber alguém de fora... A questão é esta: isto tem que estar muito bem preparado, dá-me ideia de que isto tem que estar muito bem preparad*

- **Algumas ideias conclusivas**
- Uma boa maioria dos professores defende a presença de equipas multidisciplinares na escola, que trabalhem em rede, e reivindica a abertura da escola à comunidade, através da mediação feita por profissionais sociais num trabalho de prevenção e não, apenas, depois de os problemas se instalarem. Defendem, pois, uma mediação que não passe apenas pela resolução mas, essencialmente, por um trabalho prévio, em equipa com os professores, de natureza preventiva e dialogante com todos os protagonistas do território educativo o que parece constituir uma inovação escolar e social numa escola clássica em que o professor tem sido o profissional quase único do processo educativo escolar (Giménez, 2009).

- De alguma forma, os confrontos de representações sociais sobre a entrada de novos profissionais sociais na escola, a trabalhar em equipas multidisciplinares, vai ao encontro do estudo realizado por Zanten, (1990) no contexto do que foi experimentado em França com as políticas de afirmação positiva introduzidas nos ZEP (“Zones d’Éducation Prioritaire”). No plano discursivo, os profissionais sociais que têm chegado a este agrupamento escolar são visto pelos professores como especialistas de despiste, de compensação e de diálogo, interação e tratamento de famílias problemáticas. Pelo que pudemos observar, não há grande proximidade de trabalho quer em termos de planificação, quer em termos da implementação de projetos. Os dois tipos de profissionais habitam dois mundos que continuam estanques, não fora o que há de comum entre os dois: os alunos que interagem tanto com uns como com outros.